

# Instável território da língua

Josefina Ludmer discute tensões entre literatura e 'imaginação pública'

Divulgação

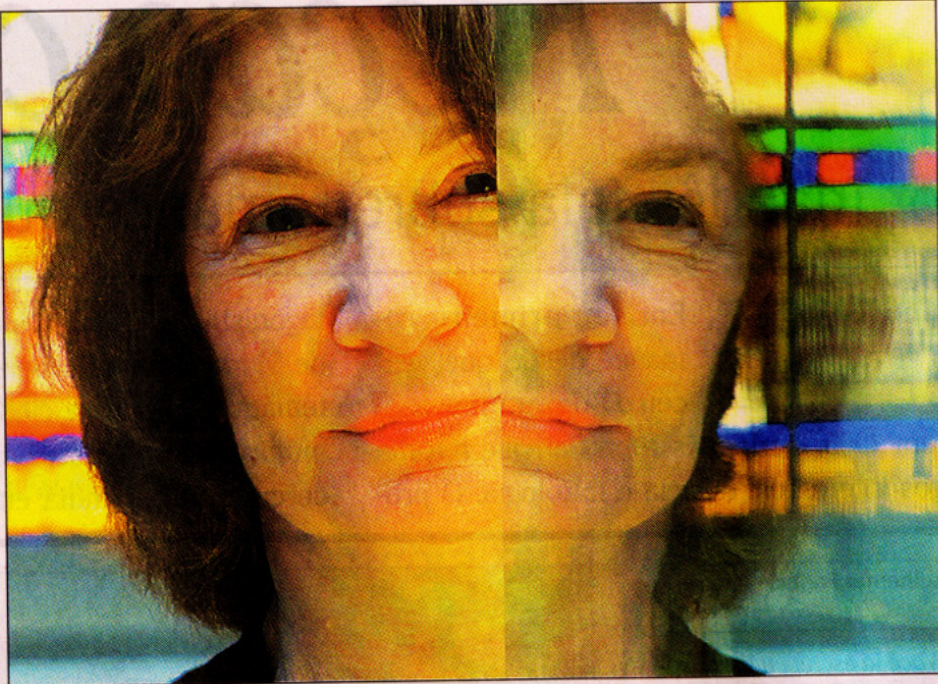
Alberto Pucheu

**L**i pela primeira vez "Aquí América Latina; una especulación", da argentina Josefina Ludmer, há não mais do que um mês e meio. Desde então ele invadiu o curso de pós-graduação que no momento oferece sobre crítica literária; convidei-a para fazer a conferência de abertura do VIII Seminário de Pós-graduação em Ciência da Literatura, na segunda-feira, às 9h30m, na Faculdade de Letras da UFRJ; reli o livro diversas vezes; escrevo um ensaio no qual ele tem desempenhado um papel preponderante, e descobri que a obra, publicada em 2010 na Argentina pela editora Eterna Cadencia, está sendo traduzida no Brasil, programada para sair no começo de 2012 pela editora da UFMG.

## Uma escrita teórica que se quer literária

De onde vem a força de tal livro? Primeiramente, encontra-se nele uma escrita crítica e teórica que se quer desde o início literária, ficcional, criadora, podendo ser chamada de uma ficção literária especulativa, entendendo este último termo como um pensamento em imagem de inspiração benjaminiano. Ao longo da História, o melhor pensamento teórico criou diversas modalidades de escrita (poemas, diálogos, tratados, cartas, meditações, confissões, discursos, sermões, ensaios, fragmentos, aforismas, seminários e tantas outras), ou delas se utilizou, não menos necessárias nem inventivas do que as previamente reconhecidas como literárias. Pois é pelo diário pessoal reflexivo que, ao tirar em 2000 um ano sabático da Universidade de Yale, de onde é professora emérita, e ir a Buenos Aires, que Ludmer começa seu livro.

Enquanto na primeira parte, "Temporalidades", pautada pelas leituras matinais de jornais e noturnas de literatura naquele ano, o diário oferece uma acolhida à cotidianidade fragmentária, a segunda, "Territórios", é um ensaísmo a um só tempo leve e denso que coloca em movimento a dança conceitual de seu



**JOSEFINA LUDMER:**

teórica argentina fará a conferência de abertura do VIII Seminário de Pós-graduação em Ciência da Literatura, na segunda-feira, às 9h30m, na Faculdade de Letras da UFRJ

pensamento. Ao fim do livro, o desejo é de reler a introdução, que nos absorve com a determinação imediata de alguns dos conceitos primordiais do livro, e, em seguida, reler dispersamente inúmeras partes que nos provocam a pensar a partir do que ali está exposto. Como se o livro fosse melhor lido por suas diversas camadas que sincronicamente vão se superpondo.

Se os títulos das partes demarcam o pano de fundo de uma referência a Kant, um dos conceitos fundamentais do livro nasce, reversivamente, desse diálogo implícito: o de "literaturas pós-autônomas". Trata-se, de, entrando pela literatura, fazer com que sua realidade abarque a outra, a princípio fora dela, levando o que era chamado de literatura ao que passa a ser nomeado de "imaginação pública", desde onde, com seus múltiplos discursos, a realidade se fabrica. Literatura, cultura, teoria, crítica, economia, geografia, política e vida estão aqui em uma "zona de flutuação".

Tomando as narrativas dos imigrantes latino-americanos como paradigmáticas e por elas criando os conceitos de "ilhas urbanas", "território da nação", "território da língua" e "império", é na tensão desses dois últimos que seu pensamento se singulariza, ao quebrar o liame entre língua e território nacional.

O imigrante perde seu território nacional sofrendo a cesura entre nação e língua, na qual passa a habitar, fazendo com que a língua seja sua pátria desterritorializada, formando uma comunidade transnacional que os dispositivos de poder das forças hegemônicas institucionais do "império" querem controlar.

## Paradigma que permite repensar o mundo atual

Ludmer escreve que "o território da língua é um dos centros da fábrica de realidade e um dos instrumentos conceituais para pensar os anos 2000 na América Latina. Ele contém a literatura, mas a transborda. É feito de palavras (ditas, ouvidas, vistas, lidas, recordadas) e de tudo que circula em nosso idioma: rádios, periódicos, revistas, telefones, celulares, internet, call centers, locutórios, blogs, chats, livros, traduções, manuais, gramáticas, dicionários, enciclopédias..." E ainda documentos, diários, biografias, autobiografias, testemunhos, cartas, e-mails, crônicas, reportagens e inúmeras possibilidades que, para além das dicotomias, mesclam o íntimo e o público, o real e o ficcional. O uso do diário na primeira parte do livro é, então, um modo de realizar o que o pensamento está conceituando.

Em "Aquí América Latina", o "território da língua" é um dos

centros da "fábrica de realidade" que é a "imaginação pública", essa sim, com suas diversas experiências da linguagem, desnaturalizada, sem centro fixo, pura movimentação inestancável. A "imaginação pública" articula as tensões existentes entre as presenças "imperiais" de uma língua transnacionalmente territorializada que se quer unificada e as diferenças desterritorializantes que nos levam da língua estabelecida pelos dispositivos de poder do "império" à linguagem enquanto potência do dizer que preserva sua abertura em todo e qualquer dito. Nela, conceito especulativo por excelência de "Aquí América Latina" (onde a literatura também se desintegra, largando-se de sua autonomia), tanto as subjetividades quanto a realidade são produzidas a partir da maleabilidade que se deixa percebida.

Entendo "Aquí América Latina" como um paradigma que me impulsiona inclusive para além ou, talvez melhor, para além da América Latina, permitindo-nos pensar com grandeza o mundo contemporâneo. ■

ALBERTO PUCHEU é poeta e crítico e organizou, com Flavia Trocoli, o VIII Simpósio de Pós-graduação em Ciência da Literatura — A teoria literária e suas fronteiras, que acontece entre os dias 17 e 19 no auditório G-1 da Faculdade de Letras da UFRJ